

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA NO ADVENTO DA CIBERCULTURA

Éden dos Santos Barbosa | barbosa.eden@gmail.com
Madelyne dos Santos Barbosa | madedossantos@hotmail.com

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA NO ADVENTO DA CIBERCULTURA

O terreiro *Ilê Axé Omo Tifé* situa-se no bairro do Jangurussu, em Messejana. E, desde seu início, existe e resiste, num meio totalmente urbano há 40 anos sob a liderança da Ialorixá¹⁶⁹ Mãe Valéria de Logunedé,¹⁷⁰ que fundou seu terreiro de Candomblé sobre as tradições da nação Ketu¹⁷¹.

Desde seu início, com o piso de barro e cercado por estacas de madeira, até a construção da atual estrutura, percebemos que a Ialorixá, uma simpática visionária da tecnologia, sabe como ninguém harmonizar a rígida tradição religiosa com as tendências da tecnologia; e como *estas tecnologias* se adaptam ao candomblé, e não o contrário, como facilmente acontece em outros segmentos da sociedade.

Sobre tecnologia e de como poderia pesquisar e entender estes fundamentos partimos dos conceitos de Granger(1994), Santana(2011) e Vasconcelos(2011) e Lévy(2010). Foi feito um levantamento bibliográfico básico e, felizmente, a Universidade Federal do Ceará, por meio da coleção “Diálogos Intempestivos”, apresenta bons artigos sobre o tema: educação e cultura digital.

A sociedade atualmente se relaciona com maior frequência em ambientes *online* que nas décadas anteriores. A interação, informação e participação em ambientes online acaba migrando também para dentro dos espaços sagrados. Dentro do Candomblé existe uma apropriação do universo virtual, porém de forma mais limitada e rigorosa.

Assim traçamos um perfil, de modo inicial, do terreiro de Candomblé mais tradicional de Fortaleza. Como ele se posiciona aos avanços das mídias digitais e sobre a educação no terreiro. Como o *Ilê Axé Omo Tifé* age, pedagogicamente, como um espaço que utiliza as

169 Ialorixá ou Mãe de Santo é o maior grau da hierarquia religiosa das religiões afro brasileiras.

170 Orixá cujo mito é ser uma criança, filho de Oxum (deidade das águas doces) e Oxóssi (Deus da caça e da fartura alimentar)

171 Segundo Roger Bastide (1971) o candomblé no Brasil se divide em ramos, linhas definidas como nações.

Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's). Dentre as perguntas direcionadas aos membros do terreiro investigamos qual a opinião deles, sobre outros terreiros, que utilizam da internet pra difundir a cultura afro religiosa.

O computador já conquistou sua importância na sociedade, em vários campos técnicos, nas áreas de conhecimento e educação e agora como fenômeno social com o advento das rede sociais e suas interações virtuais.

Com a facilitação de conteúdo, em suas diversas formas e aplicabilidades, a grande pergunta é: aprende-se Candomblé na internet? Fizemos esta pergunta dentro do nosso trabalho de campo. Obtivemos a seguinte declaração do *Babalaxé*:

Se funciona ou se não funciona pra alguém isso eu não sei. Isso não é o tipo de candomblé que a gente pratica aqui. Porque a gente parte da questão do ofô. É que o sai da boca do mais velho que é depositado. YEMOJÁ, George Ty. George Feitosa Carvalho: Entrevista [Maio de 2015] Entrevistador: Éden Barbosa. Fortaleza/CE, 2015. Gravação Digital. Entrevista concedida em trabalho de campo para a monografia.

Dentro do Candomblé, o princípio da transmissão oral é por demais valorizado como elemento litúrgico, não apenas como meio para transmissão de aprendizagens. O que muito se difere de hoje em dia onde a *internet* com seus conteúdos digitais ganham força e poder pela diversidade e velocidade. Toda a atual sociedade se baseia neste sistema o que entra em choque com o modo de aprendizado do Candomblé.

Isso mostra a tamanha importância da rede mundial de computadores para as atividades desenvolvidas na sociedade moderna, pela qual a importância do serviço de conexão à internet pode ser comparada à eletricidade, sendo uma realidade, pois vários sistemas que se tem atualmente funcionam de maneira síncrona com servidores remotos de dados, provendo as solicitações aos usuários quase em tempo real.¹⁷² (SANTANA, 2011, p. 114)

Sobre as fontes históricas orais, Alessandro Portelli, na publicação: *O que faz da história diferente*, nos traz prova de que as fontes orais sempre cumpriram seu papel e importância na transcrição da história da humanidade e na transmissão de saberes e conhecimentos: “A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não

¹⁷² Ver em *Inovações, Cibercultura e Educação.*/ José Rogerio Santana, Jose Gerardo Vasconcelos et al [organizadores]. Fortaleza. Edições UFC. 2011

tenha validade factual.” (PORTELLI, 1997, p. 31)¹⁷³

Portanto, as histórias e ensinamentos do terreiro, milenarmente transmitidas e mantidas de forma oral, ensinam a religião, mas, acima de tudo, nos contam sobre a significância de tal tradição sendo transdisciplinar, interdisciplinar e multidisciplinar de forma simples e eficaz. Essa forma adquire potencialidade em solo brasileiro, pois a formação multiétnica propiciou maior universo de apropriações educacionais naquela época. Hoje em dia, tais apropriações, somadas a maior conscientização do povo de comunidades de terreiro, potencializam-se exponencialmente na internet, criando uma *cibercultura* afro, uma rede de terreiros virtual. Sobre o conceito de virtualidade, o que é virtual e não-virtual, Lévy(2010, p. 48) reflete de forma explícita.

Repetindo, ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real. Uma palavra existe de fato. O virtual existe sem estar presente. Acrescentemos que as atualizações de uma mesma entidade virtual podem ser bastante diferentes uma das outras, e que o atual nunca é completamente determinado pelo virtual.¹⁷⁴

Assim, esta tradição é também uma forma de resistência cultural, incorporada como um dos fundamentos básicos do Candomblé. Como o respeito, principalmente aos mais velhos, a hierarquização por idade cronológica, o que remete à cultura do *Griot*¹⁷⁵ com sua oralidade e ancestralidade, tal força oral reflete em toda essa forma de ensinar e aprender. São caracteres próprios dos povos africanos que para o Brasil conservaram como marca cultural que se manteve à religiosidade afro brasileira.

Nesse sentido, é inevitável que as gerações adultas cuidem em transmitir às gerações mais novas os conhecimentos, experiências, modos de ação que a humanidade foi acumulando em decorrência das relações incessantes entre o homem e o meio natural e social. (LIBÂNEO,1999 , p.65).

Dialogando com Libâneo, teórico da educação, temos o sentido máximo do ato de educar: ensinamento de gerações a gerações. Desde os tempos mais remotos, o homem transmite saberes e conhecimentos de forma oral. No Candomblé é dessa forma e hoje ganha

173 Projeto História. Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História. E-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442

174 Para Pierre Lévy “O virtual é uma fonte indefinida de atualizações”. Ver em O que é Cibercultura. Editora 34. Pagina 48. 2010

175 Os griots são “doutores” da oralidade, alimentam a história dos povos africanos com os saberes acumulados em sua memória. São os anciões que guardam o patrimônio imaterial de seu povo pela voz de seus poemas ou cânticos. Ver: HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva: História Geral da África, v. 1, SP, Ática/Unesco, 1980.

o suporte da internet. Claro que os conteúdos são distintos e variados, porém um quesito é fundamental: a fonte e a linhagem desta fonte.

Dentro da ritualística do Candomblé, são essenciais o conhecimento e o autorreconhecimento da linhagem de santo, dos antepassados daquele templo; de onde ele se originou, quem foram os antepassados que semearam o *Axé*.

Aqui os laços de parentesco religioso fundamentam toda a liturgia e isso é sabido de forma explícita em qualquer visita a um templo afro. Tal informação, entretanto, a fonte de saber e a linhagem que se originou, raramente são disponibilizadas em meios *online*. Esse dado, porém, merece ser aprofundado. Como diz Pierre Lévy (2010), “O virtual é uma fonte indefinida de atualizações”, e a indefinição de informações é algo muito condenado nas sociedades-terreiro. O sagrado vêm da tradição e não de algo em constante mutabilidade.

Por isso é que, dentro do Omo Tifé, os adeptos fazem questão de dizer que se divulga a cultura afro, os orixás, seus mitos, cânticos, no entanto não se aprende e não se obtém *Axé* por meios virtuais. É necessária a presença física para a palavra se fazer carne, o ato de encarnar o *axé*. Essa mesma falta de atenção é ressaltada por um dos *Oyes* da casa o Ogã Armando de Oxalufã. O Ogã Armando é membro antigo, mestre em capoeira Angola, um dos expoentes no Brasil desta capoeira tão ancestral e intrinsecamente ligada ao Candomblé. É o primeiro alabê confirmado da casa, e, por seu intermédio, refletimos sobre: a vivência no terreiro contra vivência *online* de Candomblé.

É você está aqui prestando atenção na atitude da mãe de santo, na atitude de um mais velho. É tanto detalhe em candomblé, é tanto detalhe que você tem que estar atento o tempo todo. E o tal do celular rouba a atenção! E é vício né? ARMANDO, Ogã. Armando Teixeira Leão: Entrevista [Maio de 2015] Entrevistador: Éden Barbosa. Fortaleza/CE, 2015. Gravação Digital. Entrevista concedida em trabalho de campo para a monografia.

No caso específico do Ilê Axé Omo Tifé, Ogã Armando obteve um edital para a instalação de um telecentro, junto ao Ministério da Cultura e do Ministério das Telecomunicações, um telecentro no Ilê Axé Omo Tifé. Essa iniciativa beneficiou dez terreiros afro em todo o Ceará.

Um telecentro e o uso de redes sociais e aplicativos (*Apps*) para *smartphones* / celulares no processo dinamizador da comunicação amplificaram mais ainda os múltiplos

saberes de seus adeptos e da comunidade de que fazem parte. Foi um divisor de águas no quesito empoderamento e aprendizagem em novas tecnologias por parte dos seus adeptos.

Os computadores do telecentro trouxeram um acesso privilegiado ao Omo Tifé, pois a comunidade passou a usar de forma direta os computadores, ganharam autonomia como comunidade, feito projeto e produção textual e candomblé.

CIBERCULTURA E MÍDIAS DIGITAIS: O QUE PODE E O QUE NÃO PODE DENTRO DO TERREIRO

Os relatos de Mãe Valéria justificam fortemente esta ideia, do uso da Tecnologia para obter informação sobre o culto e sua cultura, mas dentro das práticas rituais, essa tecnologia deve ser colocada a parte, subjugada mesmo, pela manutenção das tradições do Axé. Assim ela sentencia.

A comunicação eu acho muito válida. O que eu não aceito, o que acabei de falar, é a comunicação o tempo todo, pelo celular. É uma negligencia, uma ofensa aos rituais, eu acho até uma ofensa mesmo. Enquanto a gente tá se dirigindo ao orixá, mentalizando, ou pelo ofô mesmo que é a palavra, as pessoas estarem com o celular chamando, aí né? As pessoas não tem condição, preocupadas com aquele chamado do celular. Mas quanto a essa parte da gente se comunicar em tudo nas horas, que eu acho que tudo deve ter seu tempo, agora ter o tempo só pra celular é que não dá, interfere muito. LOGUNEDÉ, Valéria de. Valéria Pessoa Romero: Entrevista [Maio de 2015] Entrevistador: Éden Barbosa. Fortaleza/CE, 2015. Gravação Digital. Entrevista concedida em trabalho de campo para a monografia.

Aqui o referencial não é a grande rede de computadores e sim as tradições referenciadas pela liderança e os mais velhos da casa, a tradição da casa. “Você quer conhecimento ? Você vem adquirir aqui dentro não por intermédio de tecnologia, aqui é na prática, é fazendo, é vivendo”, nos relata Mãe Valéria, de forma enfática.

Ela vai além, contudo, mesmo com todo o avanço tecnológico da sociedade, percebe-se que estas redes sociais, e seus desdobramentos, alimentam vários casos de intolerância religiosa e preconceito racial.

Mesmo assim, *Yá* Valéria surpreende a todos. O seu Candomblé possui farto material documental. Sempre visionária ela percebe que a memória pode falhar. Então, ela mesma autoriza a pessoas de grande responsabilidade do templo a tarefa de documentação dos ritos públicos. Somente alguns ritos são registrados por dispositivos tecnológicos.

Ela mesma fica feliz de ver seus filhos com bons aparelhos, conquistando seu espaço, se comunicando. Gosta tanto que ela mesma paga uma rede *wifi* de alta velocidade, garantindo assim o conforto de seus filhos e visitantes, assim como sabe da importância da informação que vêm da grande rede.

É pelo *whatsapp*¹⁷⁶ que ela se comunica com Omo Orixas da casa em São Paulo, Rio de Janeiro, e até em países distantes, como Espanha e França; pela internet, que vê como outras casas de candomblé lutam pelo livre direito de opção religiosa e de como anda o calendário das grandes casas da Bahia.

Independentemente do momento, ela é contra o uso do dispositivo dentro do Candomblé. Define claramente, no entanto o que pode e o que não pode do uso do telefone celular. Deste dispositivo ela ressalta algumas vantagens, poucas, mas importantes.

Agora a outra parte não, é a parte positiva. É uma fotografia, se comunicando pelo calendário, por tudo é muito válido. O que eu acho negativo é aqui dentro estar todo mundo aqui sem querer fazer nada só no celular na mão. LOGUNEDÉ, Valéria de. Valéria Pessoa Romero: Entrevista [Maio de 2015] Entrevistador: Éden Barbosa. Fortaleza/CE, 2015. Gravação Digital. Entrevista concedida em trabalho de campo para a monografia.

Como desvantagem, ela critica, e muito, a postura indelicada de quem não larga o celular em momento algum. Dentro da liturgia do Candomblé, a atenção ao detalhe do que acontece no templo é um pilar, é fundamental, pois:

Suspender um cerimonial, uma cerimonia uma coisa feita de axé, pra atender um celular, pra receber recado e o outro pra completar diz: olha, o teu celular tá chamando, aí onde eu mais me aborreço, [...] eu fico louca, entendeu? Eu não aceito celular. Por mim, deixava o celular lá fora, entrou desliga o celular, ou você vem pro orixá ou vêm pra se comunicar externamente, porque depois que entrar aqui é só axé mesmo, é só orixá. LOGUNEDÉ, Valéria de. Valéria Pessoa Romero: Entrevista [Maio de 2015] Entrevistador: Éden Barbosa. Fortaleza/CE, 2015. Gravação Digital. Entrevista concedida em trabalho de campo para a monografia.

Assim, templos religiosos como o *Ilê Axé Omó Tifé* servem de exemplo como autênticos espaços de aprendizagem, não apenas litúrgica, mas também de preservação cultural e na difusão de ações afirmativas da cultura negra e do enfrentamento a intolerância

176 O Ilê Axé Omó Tifé possui um grupo de Whatsapp. WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos, mensagens de áudio de mídia. WIKIPÉDIA, Site. Disponível em: <
<http://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>>. Acesso em: 30 maio. 2015

religiosa. Dentro do espaço do templo, no entanto, é necessário que se mantenham intocadas as tradições e como os adeptos se relacionam com elas. Esse aprendizado é justamente o que mantém o culto preservado e com todas as propriedades do século passado, num mundo digital e globalizado.

As relações entre os membros da comunidade obedecem as regras severas de respeito mútuo. Os mais jovens devem obediência aos mais velhos, mas não se trata da idade cronológica e sim do tempo de iniciação. O conjunto dos comportamentos é regido pelas leis próprias do mundo sagrado. (AUGRAS, 2008, p.188).

Ogã Armando nos relata um fato curioso, que permaneceu durante muitos anos no tocante ao funcionamento destes dispositivos no terreiro. Do portão de entrada do terreiro em diante, todo telefone celular ficava fora da área de serviço, independentemente da operadora:

Lembro que quando comecei a frequentar aqui, tinha uma coisa que eu achava simbólica disso que ela tá falando (a ialorixá), daquele portão pra cá você podia pegar o celular que não funcionava não, dizia que era o axé. Não pegava celular de jeito nenhum, e eu atribuía assim, queria atribuir, não sei se era mas eu queria atribuir desejava que aquilo fosse simbólico nesse sentido. ARMANDO, Ogã. Armando Teixeira Leão: Entrevista [Maio de 2015] Entrevistador: Éden Barbosa. Fortaleza/CE, 2015. Gravação Digital. Entrevista concedida em trabalho de campo para a monografia.

Este fato revela para os adeptos do templo a presença do sagrado e sua interferência, quando os telefones celulares ficam totalmente fora do ar, principalmente dentro dos quartos de santo. Esse fato é narrado pelo Ogã Armando como a força do sagrado, a energia dos orixás que atua nestes dispositivos para manutenção do espaço sagrado.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: DE EXU A OXALÁ. VISÃO SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR NO TERREIRO ILÊ AXÉ OMO TIFÉ

Esta pesquisa é, de forma ampla, um estudo sobre educação e comunicação. O laço que une estes dois conceitos neste trabalho entretanto, é a religião. A religião, com base no estudo de um terreiro de Candomblé, é o que explica o homem e sua intervenção no espaço sagrado, mas também explica o mundo atual.

Mãe Valéria ensina conforme aprendeu, assim como seus filhos mais velhos, que em

momentos oportunos também ensinam conforme aprenderam com sua Iá. Essa pedagogia é a tradição ancestral dos terreiros, seguida por mais de 500 anos no Brasil e cultuada há mais de 5000 anos na África.

Tudo é aqui dentro. Quer aprender a dançar é aqui dentro, quer aprender a tocar é aqui dentro. Aqui a gente não divulga nada. Nós somos trancados, nossa casa, nosso axé. Às vezes o que não é certo pra gente aqui, não é pra outra pessoa, entendeu? Então a gente segue, é como se fosse uma tribo, a gente segue, é uma tribo não deixa de ser. LOGUNEDÉ, Valéria de. Valéria Pessoa Romero: Entrevista [Maio de 2015] Entrevistador: Éden Barbosa. Fortaleza/CE, 2015. Gravação Digital. Entrevista concedida em trabalho de campo para a monografia.

Além disso, não se pode dissociar palavras, textos e rituais da dinâmica de quem ensina oralmente. Esse é um dos motivos para a inexistência de textos escritos. No Candomblé o escrito perde a força, o significado se enfraquece, pois ele se transforma em outro referencial, para além desse universo existencial.

A palavra ritual é imbuída de força, força iniciática e mágica, fruto das linhagens ancestrais que de alguma forma nos deixaram essa herança que hoje se pronuncia, ao rezar, ao contar *itans*, ao ensinar um filho ou irmão de Santo.

Essa força do ato e da palavra necessita da presença e de outras nuances que a experiência cibernética ainda não privilegia. Os cheiros, os sons, os sabores, enfim, a riqueza dinâmica que emana do Ilê Axé Omo Tifé não pode ser, como experiência religiosa, enquadrada no ambiente virtual.

Perpetuar os modos e costumes trazidos da África dentro dos terreiros é manter a tradição que, desde os primeiros Candomblés da Bahia, é ensinada, oralmente, aos que acabaram de nascer na religião, aos que em breve ensinarão e aos que estão por vir.

A modernidade, contudo, trouxe novos elementos, que entram em questão nesta pesquisa, a forma oral e os conflitos que a tecnologia traz - adaptações e releituras. Assim veio a ideia do *Whatsapp* com sua rápida eficiência na comunicação entre vários usuários do aplicativo de forma simultânea.

Bem falar do whastapp, do grupo do whatsapp do ilê é redundar um pouquinho no que a gente vem conversando sobre, saber usar. Os objetivos do grupo sempre foram bem específicos desde o início, que era falar, pode ser um momento de interação dentro do universo de pertinência da casa

mas sobretudo pra avisar das funções. A casa tem crescido bastante o números de pessoas de omo orixás tem crescido bastante então é bem interessante que a gente consiga fazer veicular essa informações com uma efetividade mais concreta. YEMONJÁ, George Ty. George Feitosa Carvalho: Entrevista [Maio de 2015] Entrevistador: Éden Barbosa. Fortaleza/CE, 2015. Gravação Digital. Entrevista concedida em trabalho de campo para a monografia.

*Ipadô*¹⁷⁷ é o administrador do grupo. Ele é moderador e adiciona os integrantes. O grupo, com cerca de 20 pessoas, foi idealizado por Davi de Oxóssi (*Odé Sangbê*), a fim de por dinamismo às informações e alertas de funções e calendários litúrgicos próximos. Esse grupo, segundo *Ipadô*, exprime mais vantagens que desvantagens. A única problemática para a qual ele alerta é quando ocorre o excesso de postagens pessoais, mensagens de bom dia, e outras mensagens de cunho pessoal.

CONCLUSÃO

O Candomblé não está alienado para as coisas do progresso como constatamos no *Ilê Axé Omo Tifé*. Neste templo religioso o uso da tecnologia tem limites e resistências, pois se mantêm fiel às suas tradições orais e fundamentos de axé. Uma coisa é certa: os Omo orixás vão aprendendo no lido diário das atividades do terreiro; onde os mais velhos orientam os mais novos.

Em sua teoria, Brandão nos diz que educação é todo conhecimento adquirido com a vivência em sociedade, seja ela qual for. Ela acontecerá independentemente da intencionalidade do ato em si. Toda interação social consiste, portanto, em um ato educacional e todos fazemos parte deste processo.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.(BRANDÃO, 1985, p. 7).

A mesma prática educacional ou pedagógica, entretanto, pode e também acontece em espaços não formais. A intencionalidade não é condição para que ela exista. Nesse âmbito, percebemos, então, que, mesmo não havendo um espaço institucionalizado, conteúdos programados, um profissional docente, ou até mesmo avaliação, a educação, as práticas

¹⁷⁷ Yá *Ipadô* é o orunkò, ou nome de orixá, que George Feitosa Carvalho recebeu ao se iniciar no Candomblé. Todos os iniciados no Candomblé recebem esse novo nome depois de “renascer” dentro da religião.

educativas estarão lá, e as pessoas interagindo, ensinando e aprendendo.

Nas casas de Candomblé *ketu*, a figura de supremacia e liderança espiritual é a *yalorixá* (mulher) ou *babalorixá* (homem). São eles as pessoas responsáveis pela organização social e religiosa do terreiro, não se limitando apenas à estrutura ou à liturgia pois, na prática, também são as grandes fontes de saber diário, o *arkhé*¹⁷⁸ do terreiro.

No *Ilê Axé Omó Tifé* é muito comum vermos a *Yalorixá* Valéria sentada em sua cadeira e seus filhos sentados ao chão em volta, atentos aos ensinamentos e histórias. Tudo o que vem da líder espiritual para a confraria religiosa tem grande importância.

Todos querem aprender com ela, escutar o que se tem a dizer e seguir o ensinamento; esta é a conduta de respeito e valorização do saber ancestral em que os adeptos se orientam em toda a sua iniciação e formação.

Terminamos, também, com um dado relevante, cuja pergunta foi respondida. Não se aprende Candomblé na internet ou em qualquer relação virtual. As orientações são orais; deve-se passa-las para a prática, sob observação criteriosa, erros e acertos, mas tudo deve ser feito conforme os ensinamentos da *Yalorixá*. Independentemente de ser virtual ou não-virtual, a figura da mãe de santo ou *Yalorixá* é insubstituível.

Através da internet, o povo de santo mostra a cara e se legitima. A cibercultura afro que está sendo constituída atualmente insere o Candomblé e outros ritos afro em outro patamar sem precedentes, se compararmos os séculos passados. O cativo acabou. Axé, gente amiga! Até o próximo *login*!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. 2.ed, São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. Contribuição a uma Sociologia das interpretações de Civilizações, São Paulo, Livraria Pioneira, 2 volumes, 1971.
- BENISTE, José. **Órun- Áiyé: o encontro de dois mundos – o sistema de relacionamento nagô Yorubá entre o céu e a terra**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé**. Petrópolis: Vozes/ Centro de Investigação e Divulgação. 2. Ed, 1999.

178 Para os filósofos pré-socráticos, a *arché* ou *arqué* (ἀρχή; origem), é um princípio que deveria estar em todos os momentos da existência de todas as coisas; no início, no desenvolvimento e no fim de tudo. Princípio pelo qual tudo vem a ser. WIKIPÉDIA, Site. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arché>> . Acesso em: 30 maio. 2015.

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Editora do Museu do Estado da Bahia. Salvador, [1948](#).
- FREIRE, Paulo. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo. Paz e Terra, 2003.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. RJ:LTC, 2012.
- GOMES, Nilma Lino. **A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03**. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O Que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KILEUY, Odé; Oxaguiã, Vera de. **O Candomblé Bem Explicado**. Editora PALLAS, 1ª Edição - 2009
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo. Cortez, 1999.
- MORAES, Roque. **Uma Tempestade de luz**: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. (2003).
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz da história diferente**, Projeto História. Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História. E-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442
- PINEAU, Gaston. As Histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In: **Educação e Pesquisa**. V. 32, no. 02, maio/agosto, 2006, p. 329-343.
- PINEAU, Gaston e GRAND, Jean-Louis Le. **As Histórias de vida**. Natal-RN: EDUFRN, 2012.
- PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados**: Orixás na alma brasileira. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nãgô e a morte**: Pàde, Àsèsè e o culto Ègun na Bahia; traduzido pela Universidade Federal da Bahia. 13 ed. Petrópolis, Vozes, 2008.
- SANTANA, José Rogerio, Jose Gerardo Vasconcelos et al [organizadores]. **Inovações, Cibercultura e Educação**. Fortaleza. Edições UFC, 2011
- SOUZA, Ana Lúcia Silva [et al...]. **De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.